

1. cópias
2.6
06080

FREQUÊNCIA DE CORTE EM Leucaena leucocephala (LAM) DE WIT VISANDO
PRODUÇÃO DE FORRAGEM, NA REGIÃO DE PETROLINA(PE)^{1/}
(DADOS PRELIMINARES)

Paulo C.F. Lima
Marcos A. Drumond^{2/}
Severino G. de Albuquerque^{3/}

RESUMO

Com o objetivo de determinar os intervalos de corte de Leucaena leucocephala (Lam) de Wit, visando a produção de forragem na região semi-árida, foi instalado o presente trabalho em área de caatinga, pertencente ao Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido/CPATSA.

Foram estudados intervalos de corte de 4, 6, 8 e 12 meses, após corte de uniformização dado aos 12 meses de idade. A produtividade obtida com intervalo de corte curto (4 meses), foi superior aos demais tratamentos. Não houve diferenças significativas quanto a sobrevivência, em relação aos números de corte por tratamento.

^{1/}Colaboração financeira da FINEP, Convênio EMBRAPA-IBDF.

^{2/}Eng. Florestal, Pesquisador do CPATSA/EMBRAPA.

^{3/}Pesquisador do CPATSA, Cx. Postal 23 - 56.300 - Petrolina-PE.

Petrolina, PE; EMBRAPA-CPATSA, [1982]

INTRODUÇÃO

Nas regiões semi-áridas, a utilização de plantas arbóreas na produção de forragem é comumente empregada devido a redução dos pastos herbáceos nos períodos de seca. A Leucaena leucocephala (Lam) de Wit, leguminosa, ultimamente tem despertado interesse por parte dos agricultores das regiões tropicais, onde existe problemas de seca prolongada.

A importância econômica desta espécie consiste nas diversas vantagens que oferece, desde a utilização em reflorestamento, visando a produção de lenha, carvão, quebra-vento, conservação e fertilidade do solo, até a alimentação animal. As folhas são excelentes forrageiras, até mesmo os galhos mais tenros, sendo que somente aqueles com diâmetro inferior a 5 mm é que são pastados (COOKSLEY, 1974). É uma excelente fonte de beta-caroteno, característica valiosa, particularmente durante as estações secas, quando ela é capaz de conservar as folhas verdes (JONES, 1979).

A qualidade das folhas de leucena é similar às de alfafa no que se refere à sua composição (KINCH & RIPPERTON, 1962). A sua produção está em função do clima, solo e manejo. No cerrado brasileiro, em cultivos densos (1 a 2 m entre fileiras), a produção de matéria seca está em torno de 13 t/ha/ano, e em plantio mais espaçado que permita cultivos simultâneos com outras culturas (5 m entre fileiras), é aproximadamente 5,5 t/ha/ano (KLUTHCOUSKI 1980). Em regiões úmidas, gira em torno de 20 t/ha/ano, e em regiões secas, 8 t/ha/ano (NATIONAL ACADEMY OF SCIENCE, 1972). Em condições favoráveis, um hectare de leucena pode produzir 10 a 20 toneladas de matéria seca comestível comparadas com 8 a 9 toneladas de alfafa (NATIONAL ACADEMY OF SCIENCE, 1979).

Em vista das possibilidades de utilização de leucena como forrageira na zona seca do Nordeste, um experimento foi delineado para se estudar a influência de vários intervalos de corte na produção de matéria seca e na manutenção do "stand".

MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi instalado em área de caatinga, do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido/CPATSA, em Petrolina

(09° 09'S e 40° 22'W), em solo latossol vermelho amarelo, textura argilo-arenosa, e pH em torno de 5,3. O clima, pelo sistema de Koppen, é classificado em Bshw, semi-árido quente, regime de chuva no verão, e precipitação em torno de 500 mm.

As sementes de leucena foram de procedência local, sendo as mudas produzidas em sementeiras, e depois transplantadas no campo, em parcelas espaçadas de 1,0 e 0,5m, contendo 25 plantas por parcela sendo que para análises foram consideradas somente as 9 plantas centrais. Tanto na produção quanto na época de plantio das mudas, foram usado fertilização de NPK na formulação 5:14:3 de sulfato de amônio, superfosfato simples e cloreto de potássio, na dosagem de 5g por recipiente, e 120g por cova, no plantio definitivo. Não foi feita a inoculação de sementes com Rhizobium específico. Na ocasião de plantio foi realizada irrigação, usando-se em média 3 litros de água por cova.

Após 1 ano de plantio foi realizado corte de uniformização das parcelas, e seguindo-se daí, coleta de produção de massa verde comestível (folhas e galhos com diâmetro inferior a 5 mm), a intervalos de corte de 4, 6, 8 e 12 meses, conforme delineamento experimental, durante 1 ano. O experimento terá duração de 3 anos. As plantas foram cortadas a uma altura de 0,4m e determinada a quantidade de matéria seca por tratamento. O delineamento do ensaio consistiu em blocos ao acaso com 4 repetições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1, encontram-se os dados de produção de matéria seca obtida por corte e por ano, em plantação de leucena, em Petrolina. Não houve diferença estatística significativa entre os tratamentos quanto a sobrevivência durante o primeiro ano de observação. A produção anual obtida a intervalo de corte mais curto (4 meses) foi significativamente maior ($P < 0,05$) quando comparados a intervalos maiores, porém não se observou diferenças significativas em intervalos de corte de 8 e 12 meses.

MENDOZA et al. (1976) na análise de frequência de corte em leucena também não encontraram variações entre intervalos de 8 a 16 semanas, mas o teor de proteína bruta e a digestibilidade declinaram com a maturidade da planta. Embora não tivesse sido realizado análise da quantidade de material lenhoso, observou-se aumento da produção lenhosa a intervalos de corte maiores, e conseqüente diminuição de matéria seca comestível.

TABELA 1. Produção de matéria seca e índice de sobrevivência de acordo com os intervalos de corte, dado em leucena, na região de Petrolina (PE).

Tratamento	Nº Corte	Época de corte	Produção (t/ha)		Sobrevivência (%)
			p/corte	anual	
Uniformização (média global trat.)	-	18/04/81	4,800	-	99
Intervalo de 4 meses	3	18/08/81	2,088	-	100
		18/12/81	4,240	-	97
		18/04/82	1,175	7,503a	97a
Intervalo de 6 meses	2	18/10/81	1,786	-	95
		18/04/82	2,918	4,704ab	89a
Intervalo de 8 meses	1	18/12/81	3,753	3,753 b	95a
Intervalo de 12 meses	1	18/04/82	4,299	4,299ab	97a

As médias seguidas por letras idênticas em uma mesma coluna não diferem estatisticamente pelo teste de DUNCAN ($P < 0,05$). Os valores em porcentagem foram transformados em $\text{arc. sen } \sqrt{\%}$ para efeito de análise estatística.

A baixa produtividade observada entre período de corte de 18/12/81 a 18/04/82, talvez esteja relacionada a grande incidência observada do gafanhoto Stiphra robusta Mello - Leitão no período de janeiro a março na área do experimento. O dano causado por este gafanhoto é a diminuição da área foliar, reduzindo o volume de matéria seca comestível dos rebanhos que dela fazem uso.

Embora os dados ainda sejam preliminares, tomados 1 ano após o corte de uniformização, a produtividade de matéria seca verificada para Leucaena leucocephala, estão próximas aos apresentados pela NATIONAL ACADEMY OF SCIENCE (1977) para as regiões secas.

CONCLUSÃO

Nas condições do presente trabalho, se conclui que o intervalo de corte mais apropriado da leucena para produção de forragem é de 4 meses, que embora não significativamente superior aos intervalos de 6 e 12 meses, mostrou uma tendência a uma produção alta sem prejuízo da manutenção do stand.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COOKSLEY, D.G. Growing and grazing Leucaena. Queensland Agricultural Journal, 100 (7): 258-61, 1974.
2. JONES, R.J. The value of Leucaena leucocephala as a feed for ruminants in the tropics. World Animal Review, (31): 13-23, 1979.
3. KINCH, D.M. & RIPPERTON, J.C. Koa Hole, production and processings. Bulletin, Hawaii Agricultural Experiment Station, University of Hawaii, nº 129, 1962. 58 p.
4. KLUTHCOUSKI, J. Leucena: alternativa para a pequena e média agricultura. Brasília, EMBRAPA-DID, 1980. 12 p. (EMBRAPA-CNPAF. Circular Técnica, 6).
5. MENDOZA, R.C.; ALTAMARINO, T.P. & JAVIER, E.Q. Herbage, crude protein and digestible dry matter yield of ipil (Leucaena latisiliqua cv. Peru) in hedge sows. Philippine Journal of Crop Science 1 (3): 149-53, 1976.

6. NATIONAL ACADEMY OF SCIENCE: Leucaena: promising forage and tree crop for the tropics. Washington. 1977. 115 p.

7. _____. Tropical legumes: resources for the future. Washington, 1979. 331 p.